

## ENTREVISTA

# Miguel Azguime: “São os grandes desafios que nos fazem avançar”

Retratos musicais no Teatro São Luiz, a estreia de novas obras e o lançamento de CDs são algumas das iniciativas que assinalam os 60 anos de Miguel Azguime.



Cristina Fernandes · 22 de Outubro de 2020, 7:28

CONTEÚDO EXCLUSIVO

PERSEU MANDILLO

Compositor, *performer*, poeta e programador, Miguel Azguime (n. 1960) tem-se afirmado como uma das mais relevantes e multifacetadas personalidades do panorama da música contemporânea em Portugal, ao mesmo tempo que tem mantido presença em palcos internacionais e contribuído para a difusão da música portuguesa através das iniciativas da associação Miso Music, cuja origem se encontra no duo Miso Ensemble, criado em 1985 em parceria com Paula Azguime, compositora, flautista e artista multimédia. Entre elas encontra-se a fundação da Miso Records (1988) e da

Miso Studio (1990), a criação do Festival Música Viva (1992), da Orquestra de Altifalantes (1995), do Centro de Informação da Música Portuguesa (2002) e do Sond'Ar-te Electric Ensemble (2007). As diferentes actividades de Miguel Azguime deram origem ao seu interesse pelo domínio que o próprio artista designa por “palavra-sentido/palavra-som”, numa “tentativa de aproximação entre a componente semântica e metafórica da palavra e os seus parâmetros sonoros.” Esta abordagem encontra-se quer nas suas peças operáticas, quer na música de câmara, instrumental e electroacústica. No ano do seu 60.º aniversário, várias iniciativas darão a conhecer melhor a produção de Azguime, entre as quais os dois “Retratos” que têm lugar esta quinta-feira e sexta-feira, às 21h, no Teatro Municipal São Luiz (respectivamente um concerto pelo Sond'Ar-te Electric Ensemble e a reposição da ópera multimédia *Itinerário do Sal*); o lançamento de dois CDs e de nove “score followers”; três entrevistas no ciclo “Na 1.ª pessoa” do programa Música Hoje (Antena 2); e várias estreias de obras nos próximos meses.

### **Que critérios orientaram a escolha dos programas que vão ser apresentados no São Luiz?**

Escolhi obras recentes que me dizem muito e, por outro lado, revisitam-se peças antigas como é o caso de *Ícone I*, com a dorna de madeira e a escada. O [percussionista] João Dias, que está a fazer um doutoramento sobre performance e percussão, pediu-me para reabilitar algumas das obras a solo do princípio dos anos 90 e iniciei um processo de transmissão de conhecimento destas experiências, pois nem tudo estava escrito

na partitura. São obras muito diferentes das que faço agora, mas neste contexto de retrato fazem sentido. Para o restante programa concentrei-me no trabalho que tenho feito com o Sond’Ar-te, cujos músicos conhecem muito bem a minha obra. Vamos fazer um “*intermezzo*” da ópera *A Laugh to Cry*, com a Camila Mandillo, uma jovem soprano com um talento fora de série, que interpreta também *Trabalho Poético I: árvore*, com o texto de Carlos de Oliveira. Quis ainda revisitar *De Part et d’Autre*, uma obra de 2011 que reflecte preocupações criativas que se mantêm actuais, pois continuo a andar à volta das mesmas coisas: as heranças da música serial, da música espectral e da música concreta. E revisitar *Mestre Gato ou O Gato de Botas* [2009], pelo seu humor. Adaptei o texto de Charles Perrault numa versão mais ou menos erótica — na verdade pouco erótica, mas com uma série de brincadeiras! Não é só uma história para crianças, é também uma crítica política muito bem feita pois o gato é um usurpador do poder. Ele consegue usurpar o património de todos para dizer que é do marquês de Carabás. Estávamos no tempo do absolutismo em França, mas hoje continuam a proliferar figuras deste género pelo mundo fora. Por outro lado, permitia-me estar em cena — sou um animal de palco — como recitante.

***“Em Beethoven sempre me fascinou a capacidade extraordinária de invenção. Mesmo quando se repete, ele inventa sempre”***

Miguel Azguime

**Continua a identificar-se com ópera multimédia *Itinerário do Sal* ou hoje faria de maneira diferente?**

É uma peça carismática, bem diferente das que serão interpretadas pelo Sond’Ar-te,

pelo que completa bem o retrato. Foi estreada em 2006. Depois fiz *A menina gotinha de água*, que é um trabalho para crianças, e em 2013 a ópera *A Laugh to Cry*. Estou desde essa altura a tentar fazer um novo espectáculo mas ainda não consegui. Está em curso, mas como é algo muito profundo, muito vivido, demora muito tempo. Mas *O Itinerário do Sal*, ao colocar em cena o próprio acto criativo, mantém toda a actualidade. Se tivesse de voltar a fazê-lo faria da mesma maneira. Aliás, essa é uma das razões pelas quais não me consigo libertar dele. Uma futura ópera terá de ser completamente diferente.

ÍPSILON



**Em Dezembro vai estrear no CCB o Triplo Concerto para clarinete, violoncelo, piano e orquestra de cordas, uma homenagem a Beethoven. O que significa Beethoven para um compositor do nosso tempo?**

Em Beethoven sempre me fascinou a capacidade extraordinária de invenção. Mesmo quando se repete, ele inventa sempre. Fascina-me também tudo o que representa para além da música. Beethoven é paradigmático para os séculos XX e XXI pois inicia qualquer coisa de novo na maneira de estar no mundo, na relação com os músicos e com a obra. A sua música

era terrivelmente difícil de interpretar para a época. Ele tinha até um lado um bocadinho displicente relativamente ao intérprete: “Não consegues tocar, paciência, o problema é teu!”. A história mostrou que esses avanços acabaram por ser assimilados. Beethoven encontrou muita resistência às suas inovações e isso é algo que também se passa na música contemporânea.

### ***"Como costume dizer: matei a poesia por causa da música passei a regular a poesia pelas regras da composição musi***

Miguel Azguime

#### **As suas últimas obras inserem-se num percurso de continuidade ou mudança?**

Inserem-se numa lógica de continuidade. São diferentes das de há dez anos, mas estão dentro de um processo. Cada uma delas é uma espécie de viagem iniciática, tem muito peso em termos de pensamento. Se tiver saúde para isso não estou a ver o fim. Não só não estou a ver onde é que isto acaba, como não consigo imaginar onde é que vai parar. Relativamente às obras mais recentes — cuja estreia foi adiada para 2021 por causa da pandemia — a que escrevi para os Neue Vocal Solisten retoma algum material anterior. Chama-se *Cantos para libertar o a(r)*. Tem a ver com um poema que escrevi que se baseia nos sons “O”. No último verso dessa secção diz-se “e volto para libertar o a(r)”, seguindo-se uma secção centrada nos sons “a” e “e”. Como costume dizer: matei a poesia por causa da música porque passei a regular a poesia pelas regras da composição musical. Mas talvez essa seja a parte interessante.



PERSEU MANDILLO

Quanto à obra para o agrupamento Cantando Admont, é para 12 vozes *a cappella* e intitula-se *Language Building*. Escrevi um texto em quatro línguas: português, inglês, francês e alemão. O que fiz foi traduzir foneticamente e semanticamente para as outras línguas e encontrar um texto em que as quatro se cruzam. A partir daí desenvolvi uma espécie de dramaturgia. Não sei se o resultado é bom, só sei que quando acabei estava exaltadíssimo!

***"Tenho uma obsessão com o espelho, com a ideia do duplo"***

Miguel Azguime

**De que modo o trabalho com o texto se manifesta nas obras dos seus dois últimos CDs?**

No caso da ópera *A Laugh to Cry*, o libreto como tal não existe, o que existe é uma série de poemas. Enquanto estava a compor ia desenvolvendo uma dramaturgia a partir deles. A outra obra, *(ThS)inking*

*Survival Kit* (2010), uma encomenda do City of London Festival, representa o contrário disso. É uma peça programática, alusiva à temática do festival que era a sustentabilidade, o perigo da subida do nível das águas, as alterações climáticas. O símbolo eram as abelhas e as colmeias. Construí uma espécie de narrativa a partir de uma série de canções sobre diversos poemas. Começo com um bocadinho de *A Tempestade*, de Shakespeare, “*Where the bee sucks, there suck I*”, depois vem o Joyce, mas também há Eugénio de Andrade, Verlaine... As abelhas afundam-se e vamos parar ao fundo do mar, depois vem o encontro com Fernando Pessoa e com Sophia e quando se volta à superfície encontramos as ondas, o mau tempo e o Adamastor — e aí intervenho como recitante, faço um brilhante e terrível Adamastor! [risos] Acabo com um fragmento de um poema do Herberto Helder: “um espelho em frente de um espelho”. Tenho uma obsessão com o espelho, com a ideia do duplo. Limitei-me ao que os poemas eram, há apenas duas ou três secções que são só vocalizos sem texto: “*bird songs*” e “*whale songs*”. Há um lado pueril na construção, mas depois a peça acaba por ser relativamente pesada. Sou optimista no dia-a-dia, mas quando olho para o mundo é com muita apreensão. Nos anos 70 já era um activista da ecologia, ainda antes de se utilizar a palavra.

FUGAS



### **Qual o peso da electrónica nas obras mais recentes?**

É muito menor do que era por duas razões. Primeiro porque a electrónica me ensinou muitas coisas para a escrita instrumental e me permitiu abordar outros caminhos. Mas também absorvi muito da música concreta. O [Pierre] Boulez chamava-lhe música anedota porque era o latir de um cão, o ranger de uma porta... só que com o desenvolvimento científico mais recente, com o conhecimento aprofundado do fenómeno sonoro, da psico-acústica e da acústica, demonstrou-se que o que foi proposto por Pierre Schaeffer no final dos anos 40 ainda permanece um processo de descoberta e de invenção. O que acho mais interessante não é a música electrónica em si, mas sim a nova maneira de fazer e pensar a música. Aprendi muito nesse domínio, mas cada vez que recorro à tecnologia confronto-me com o problema da perenidade das obras. A música electrónica e a música concreta tornaram possível aquilo que faz sentido, esteticamente falando, para os ouvidos do século XXI. O universo sonoro alargou-se, o que podemos fazer com os sons e as notas ganhou uma multiplicidade de sentidos. Esta é a parte mais importante, não a tecnologia em si. Aliás, eu praticamente nunca fiz música electrónica como uma espécie de fogo-de-artifício, sempre foi uma coisa integrada na escrita.

***"A música electrónica e a música concreta tornaram possível aquilo que faz sentido, esteticamente falando, para os ouvidos do século XXI"***

Miguel Azguime

**As actividades da Miso Music têm possibilitado a interpretação da maior parte da sua produção ou há**



### **limitações?**

Uma das coisas que mais me preocupam em relação aos artistas e aos criadores musicais é garantir condições dignas de produção. Algumas pessoas do nosso meio musical falam de Emmanuel Nunes como alguém acima de todos os outros. Eu acho que ele só é um exemplo acima de todos os outros porque teve condições de apresentação da sua obra que mais ninguém teve. Houve obras que não resultaram bem porque não foram bem tocadas, mas foi-lhe dado o benefício da dúvida e ele pôde tentar uma segunda e uma terceira vez. São os grandes desafios que nos fazem avançar. Se não tivermos desafios, não vamos crescer nunca. As boas condições não tiram mérito ao Emmanuel Nunes, ele soube corresponder às expectativas, mas sem elas seria diferente. Dentro dos meios que tenho, fui avançando e desenvolvendo uma linguagem, mas principalmente no campo da música de câmara.

Hoje, para os músicos do Sond'Ar-te, a minha escrita, que é muito difícil, passou a ser uma segunda natureza. Creio que todos os grandes compositores tiveram num dado momento a possibilidade de ter músicos de excepção. O Gérard Grisey, por exemplo, se não fossem os ensembles *Recherche* e *L'Itinéraire*, não teria conseguido ser quem era. Eu adoraria escrever para orquestra, mas não tenho essa possibilidade. No CCB, com a estreia do *Triplo Concerto*, vai ser óptimo, mas o que queria era uma orquestra grande. O projecto era inicialmente para a Sinfónica Portuguesa, mas quando o Patrick Dickie se foi embora caiu por terra. Felizmente [programador de clássica do CCB e jornalista da Antena 2] o André Cunha Leal quis pegar nisso pois a

ideia tinha sido dele. Falei com o Pedro Neves e teremos uma pequena orquestra de cordas [Camerata Alma Mater], com músicos que podem fazer bem o que quero. Era ótimo quando o Luís Pereira Leal dava ao Festival Música Viva a Orquestra Gulbenkian uma vez por ano. As orquestras quase não tocam música portuguesa contemporânea. Na temporada da Sinfónica há um concerto com duas ou três obras e pronto e a Gulbenkian demitiu-se desse campo. Os compositores deveriam poder criar sem se preocuparem com as condições, mas isso seria num mundo ideal. As utopias existem mas não os mundos ideais. Sou a favor das utopias porque temos o direito a sonhar com o impossível. Mas temos de fazer alguma coisa para que esse sonho se torne um bocadinho realidade.



### **Que outros problemas vê na actual vida musical?**

Há um problema geral grave, que não é português, que é o capitalismo neoliberal. Tem havido uma desvalorização muito grande, tanto na arte como noutras áreas, daquilo que é mais intrinsecamente humano. Existe uma ameaça aos valores da condição humana, àquelas coisas que não têm preço. Quando as lógicas de mercado, da quantificação e não da qualificação se começam a intrometer gera-se a confusão na opinião pública. Estamos a hipotecar a memória e corremos o risco de hipotecar o nosso futuro como seres humanos. O que pareciam valores indiscutíveis há 20 anos

não o são mais. Temos de nos bater pela liberdade de criação sem constrangimentos. O que não tem uma utilidade prática também tem direito a existir. É como fazer investigação fundamental em ciência. Não se sabe para que se faz, mas pode dar grandes contributos à humanidade. O mesmo sucede na arte.

### ***"Temos de nos bater pela liberdade de criação sem constrangimentos"***

Miguel Azguime

#### **E em relação ao meio musical português?**

O problema português tem a ver com a nossa insuficiente formação, o que faz com que haja uma carência terrível de massa crítica competente. Essa ausência é grave para o meio artístico. Dá-se valor ao que não tem valor e não se dá valor ao que tem. Mesmo entre os pares há grandes discrepâncias de nível, algumas legitimadas pela academia. Mas pior do que isso é a nossa elite ter muita dificuldade em perceber e valorizar a arte. Mas o meio português também tem virtudes e há coisas que melhoraram. Os apoios do Estado estão terrivelmente subfinanciados mas estão agora melhor regulamentados, são mais transparentes. Há 15 anos se quisesse ter música bem tocada no Festival Música Viva tinha de convidar músicos estrangeiros. Agora, se quiser ter música bem tocada é com portugueses pois parte dos estrangeiros que vêm fica aquém das expectativas. Já vivi na Alemanha e em Paris e posso dizer que não tenho nenhum complexo de inferioridade em ser português. Em Berlim já ouvi coisas muito mal interpretadas nos festivais que aqui achamos que são os melhores do mundo. O

que precisamos em Portugal é formação —  
formação em sentido lato, do ponto de vista  
espiritual, cultural e cívico, não me refiro  
só a escolas e academias.

## SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER ÍPSILON


### TODAS AS SEXTAS

Toda a cultura que vale a pena  
consumir, com a curadoria de Vasco  
Câmara.

### Subscrever

Tomei conhecimento que as  
newsletter editoriais poderão  
conter publicidade. OBRIGATÓRIO

O QUE PRECISA DE SABER  
**CORNAVÍRUS**

 Receba as  
nossas  
notificações e  
seja o primeiro a  
saber.

Descarregue  
a nossa app

## TÓPICOS

CULTURA-ÍPSILON | MÚSICA | CCB |

BEETHOVEN | CULTURA | COMPOSITOR |

MÚSICA ELECTRÓNICA

 TORNE-SE PERITO